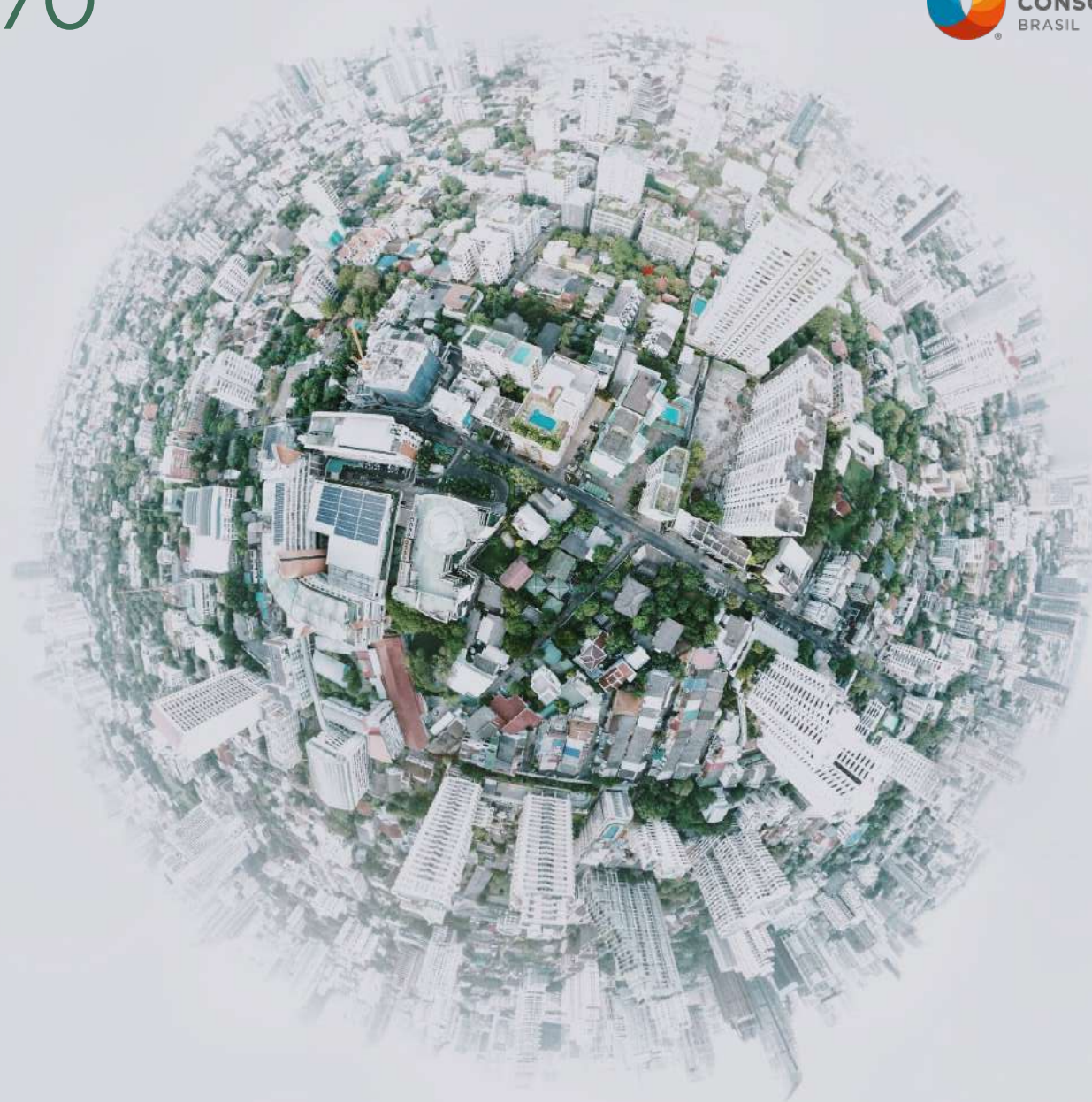


# ZINE CONSCIENTE

#70



Reflexões sobre

## CAPITAL SOCIAL & TRANSPARÊNCIA COMUNITÁRIA

# INTRODUÇÃO

*“Nossa falta de confiança não é o resultado da dificuldade. A dificuldade vem da nossa falta de confiança.”*

Sêneca

Cercas, grades, portões... Sua casa certamente é protegida por algum desses, mas você sabia que todas essas barreiras de proteção só se popularizaram a partir do século 16, graças ao fim do feudalismo europeu? O movimento de cercamento, descrito por muitos historiadores como a “revolução dos ricos contra os pobres”, marcou a expulsão de milhões de camponeses das terras dos antigos senhores feudais – com a urbanização e o aumento do preço da lã, era mais lucrativo cercar o território e passar a criar ovelhas.

Em seu romance “Utopia”, Sir Thomas More lamentou (More, 2017):

*“Suas ovelhas, comumente tão submissas, mansas e frugais, agora ouço falar, tornaram-se tão ávidas e selvagens que abocanham e engolem o próprio homem. Elas consomem, destroem e devoram campos inteiros, casas e cidades.”*

Na contemporânea economia de mercado, contudo, o cenário não é mais animador: fome, miséria, revoltas sociais, guerras, catástrofes naturais, lutas por poder...

**A trajetória humana na Terra sugere que não encontraremos paz no materialismo, mas sim na confiança empática.**

Se, quando revisitamos nossas memórias pessoais ao longo da vida, os momentos mais emocionantes são justamente os de comunhão, por que ainda não conseguimos construir uma comunidade integrada e leal?



Retrato do filósofo e escritor Thomas More, autor da obra “Utopia” de 1516 (Fonte: The Yorck Project, 2002).

# DO “VIL METAL” AO CAPITAL SOCIAL

## Da Tragédia dos Comuns à Comédia dos Comuns

*“A diversidade de formação e de experiência gera mais eficiência na solução de problemas.”*

Elinor Ostrom

Professor de ecologia na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, Garrett Hardin escreveu, em 1968, um famoso ensaio chamado “A Tragédia dos Comuns” (Hardin, 1968). No texto, publicado na época pela revista científica *Science*, Hardin relatou a situação hipotética de um pasto “aberto a todos”, em que cada pastor tira vantagem de ter o máximo de vacas pastando, mas também sofre os efeitos adversos da deterioração da pastagem caso outros pastores também busquem otimizar seus benefícios colocando ali o maior rebanho possível. Conforme o solo se desgasta, a disputa entre os pastores se torna mais feroz, com cada um tentando tirar o máximo do pasto antes que ele se esgote. Essa disputa acirrada pelo domínio determina a inevitável falência do recurso.

Pioneiro no estudo dos impactos decorrentes da ação humana sobre o planeta, Hardin indicava a existência natural de um comportamento centrado

no interesse individualista sempre que as relações do ser humano com os recursos (de qualquer natureza) abarcassem o medo da escassez — o que ocorre praticamente o tempo todo:

*“Eis a tragédia. Cada homem está preso a um sistema que o compele a aumentar seu rebanho ilimitadamente – num mundo que é limitado. A ruína é o destino para onde todos os homens caminham, cada um perseguindo seu melhor interesse numa sociedade que acredita no uso livre de bens comuns. O uso livre de bens comuns leva à ruína de todos.”*

Mesmo que alguns dos pastores cuidassem do pasto, a tragédia dos comuns ainda seria inexorável devido ao dilema dos oportunistas. Ou seja, como o pasto era aberto a todos, oportunistas se aproveitariam da boa vontade dos outros, que administravam bem os recursos, colocando mais de seu gado para pastar sem contribuir com os

esforços de cuidado da pastagem. “A alternativa do modelo de bens comuns é assustadora demais para se contemplar”, concluiu Hardin, “e para se evitar a ruína

num mundo superpovoado, as pessoas devem obedecer a uma força coercitiva extrínseca a sua psique individual, um ‘Leviatã’, usando o termo de Hobbes”.

## A Tragédia dos Comuns, de Garrett Hardin



Fonte: [Integrate Sustainability, 2018.](#)

A tese de Garrett Hardin prevaleceu incontestemente até 1986, quando a professora de direito da Northwestern University Carol Rose lançou sua “Comédia dos Comuns”, uma dura crítica à tragédia dos bens comuns (Rose, 1986). Rose iniciou lembrando aos leitores que nem todos os recursos eram dominados pela propriedade privada. Lagos, oceanos, terras submersas, rios, vales, florestas e trilhas, assim como o próprio ar que respiramos, são todos bens públicos, *common pool resources* ou direitos de consenso ou costumeiros, como são conhecidos na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Nesse sentido, o cientista político e professor Crawford Macpherson, da Universidade de Toronto – uma das mais conceituadas instituições no estudo da história das propriedades -, aponta que estamos tão habituados a relacionar propriedade ao ato de excluir os outros da utilização ou benefício de algo que perdemos de vista seu significado mais amplo e antigo – o de acesso ou direito de frequentar espaços públicos (MacPherson, 2021).

**O direito de ser incluído, de participar, de uma pessoa ter acesso à outra e de conviver é, na verdade, o mais essencial e significativo de todos os direitos**

**da propriedade, indo muito além da obsessão por possuir, cercar e banir.** Não é à toa, afinal, que em festivais e eventos culturais e esportivos, quanto mais gente participa, maior é o seu valor para cada participante - “isso é o oposto da ‘Tragédia dos Comuns’, é a ‘Comédia dos Comuns’”, rematou Rose. A visão de Carol Rose se mostra ainda mais relevante e surpreendente quando consideramos que ela a descreveu anos antes do surgimento da internet. De modo prosaico, ela abordou um dos temas mais importantes da atualidade: como a acessibilidade pode enriquecer as nossas relações socioeconômicas, e como a exclusão pode miná-las?

Quatro anos mais tarde, foi a vez de Elinor Ostrom revolucionar mais uma vez a história dos bens comuns, analisando as razões por trás dos sucessos e fracassos da sua administração no passado e propondo medidas pragmáticas para uma gestão futura mais eficiente desse patrimônio universal (Ostrom, 2015). Primeira mulher a vencer o Nobel de Economia, Elinor dedicou-se a buscar exemplos e estudar comunidades que, ao invés de competirem entre si pelos mesmos recursos naturais até a extinção, aprenderam a cooperar.

Imagine que somos um grupo de pescadores, vivendo nas margens de um lago, como na Amazônia, onde há várias comunidades. Se eu fosse pescar, os peixes que eu tirasse do lago não estariam mais disponíveis para você. Se você os pescasse, eles não estariam mais disponíveis para mim. Quando a preocupação é se haverá peixes

suficientes para nós dois, o incentivo passa a ser: ‘Vou sair mais cedo que você, com um barco maior e pescar todos os peixes que eu puder’. Com cada um pescando o máximo de peixes que puder, o esgotamento é apenas uma questão de tempo e todos, em algum momento, perdem.

No entanto, estudando pequenas comunidades durante anos, Ostrom descobriu exemplos suficientes para afirmar que o esgotamento pode ser evitado pelo diálogo que se estabelece em relações baseadas em comunicação e confiança. Confiando uns nos outros, somos capazes de superar o medo da escassez, cooperar e construir relações em que todos saem ganhando enquanto protegem, juntos, fontes e recursos necessários ao bem-estar coletivo.

Seus trabalhos demonstram que muitas vezes **as sociedades são capazes de prosperar enxergando novas alternativas para superar conflitos de interesse, exercitando a empatia e assegurando a sustentabilidade ambiental, sem necessariamente depender do governo ou de outras autoridades.**

Após anos de observação em regiões desde os Alpes suíços a aldeias japonesas, ela notou que, graças a modelos de governança cooperativos, diversos bens comuns sobreviveram a enchentes, estiagens, epidemias e guerras.

*“Surgiram milhares de oportunidades com grandes benefícios que poderiam ser colhidos quebrando-se as*

regras, visto que as sanções eram comparativamente pequenas. Roubar água durante as estiagens nas huertas espanholas poderia às vezes salvar toda a safra de uma estação da destruição. Evitar passar dia após dia fazendo a manutenção dos sistemas de irrigação filipinos poderia permitir ao agricultor obter a renda necessária para outros interesses. Explorar madeira ilegalmente nas montanhas da Suíça e do Japão renderia um produto valioso. Dada a tentação envolvida, o alto nível de conformidade com as regras em todos esses casos foi impressionante”, afirma Elinor.

Mas Ostrom foi além: ao submeter essa constatação a experimentos laboratoriais, ela verificou que, diante de um impasse de recursos comuns, quando as pessoas eram impedidas

de se comunicar entre si e obrigadas a tomar decisões de modo independente e anônimo, elas invariavelmente superutilizavam os recursos. Por outro lado, quando podiam se comunicar abertamente, esse uso excessivo era reduzido drasticamente.

Grande parte dos economistas ficaria chocada com essa descoberta, uma vez que muitos ainda se mantêm cegamente fiéis à crença de que a natureza humana é puramente egoísta e que cada pessoa sempre priorizará os próprios interesses acima de qualquer coisa. No entanto, uma série de pesquisas recentes vêm demolindo o preconceito persistente de que os seres humanos são individualistas pragmáticos, sempre a postos para explorar seus semelhantes e enriquecer ilicitamente (Psychology Today, 2012).



## INSIGHT CONSCIENTE

### *Caveat emptor* x Capital Social

*Caveat emptor* é uma antiga expressão latina que significa, literalmente, “cuidado, comprador”. Ela é reveladora da ausência de valores morais que caracteriza alguns negociadores; **quando “o risco é do comprador”, o vendedor pode até obter algum lucro imediato, porém os custos em capital social serão fatais.**

**Em uma economia cada vez mais colaborativa e consciente, só**

**prosperarão aquelas empresas dispostas a seguir uma série de protocolos destinados a manter o elevado nível de confiança necessário para garantir um abundante capital social.**

Ao contrário dos sistemas de avaliação de crédito, que verificam e classificam as credenciais financeiras de um indivíduo na atual economia, os sistemas de reputação determinarão o

nível de capital social de cada organização.

Embora, ao longo dos séculos, moedas tenham sido lastreadas por diversos tipos de metais preciosos, por trás delas sempre esteve presente um ativo muito mais precioso: o capital social, um pacto não declarado de confiança coletiva entre estranhos.

A noção da existência de bens comuns e da necessidade de zelar por eles é bastante antiga. O filósofo grego Aristóteles já tratava

do tema em seus discursos (Aristóteles, 2021), e até o Papa João XXIII explorou o conceito em sua Carta-Encíclica *Pacem in Terris* (A paz de todos os povos):

*“O bem comum é o conjunto de todas as condições de vida social que consistam e favoreçam o desenvolvimento integral da personalidade humana”* (Vatican, 1963).

Por que, então, tantas empresas ainda são insidiosas e egocêntricas?



Papa João XXIII, no dia 11 de abril de 1963, assina a encíclica *Pacem in Terris* (Fonte: [Instituto Humanitas Unisinos, 2013](#)).

# DA OPACIDADE À TRANSPARÊNCIA CORPORATIVA

*“Para o comerciante até a honestidade é  
uma especulação financeira.”*

Charles Baudelaire

Na década de 1990, a Nike jamais teria acreditado que as fábricas usadas para produzir seus tênis em países distantes da África seriam alvos de denúncias, protestos e boicotes por exploração dos trabalhadores, forçando-a a criar um código de conduta para os padrões globais de trabalho, além de parcerias sem fins lucrativos para melhorar as comunidades de seus funcionários.

Fundada em 1901 e hoje controladora de 90% do mercado de transgênicos no mundo, a multinacional de agricultura e biotecnologia Monsanto também jamais teria acreditado que os receios públicos quanto à segurança de seus produtos geneticamente modificados ameaçariam seus negócios, mas teve que estabelecer várias metas de diálogo e transparência no tocante a novas tecnologias e mercadorias.

Querendo ou não, as empresas têm diversos níveis de comprometimento com suas redes de stakeholders.

Enquanto algumas, fadadas ao fracasso, não sabem ou não se importam com elas, outras, mais sábias e promissoras, se comprometem sistematicamente com suas redes - para aprender com elas, influenciá-las ou canalizar sua força para a criação de um negócio melhor.

Quando o ativismo na rede de stakeholders é alto, mas o comprometimento da empresa é baixo, temos uma crise de confiança; já se a atividade na rede for baixa e o comprometimento corporativo for alto, a tendência é que a companhia desfrute em breve de novas oportunidades para ascender. Caso o engajamento dos stakeholders seja baixo e o comprometimento da organização também seja mínimo, uma zona de perigo para o negócio se afigura; e se tanto a atividade de rede quanto o comprometimento forem elevados, a empresa entra na tão sonhada zona de sustentabilidade.



## Comprometimento corporativo e atividade da rede de stakeholders



Fonte: Tapscott & Ticoll, 2005.

Houve um tempo em que as empresas podiam guardar as coisas para si mesmas. A maioria sequer publicava relatórios anuais até a década de 1930, quando a legislação norte-americana os tornou obrigatórios, prática progressivamente replicada por vários países – o Brasil só aderiria em 1976 (CVM, 1976).

Em uma atmosfera global de desconfiança e diálogo escasso entre empresas e sociedade, ainda são poucas as organizações que publicam relatórios financeiros que o investidor médio consegue entender prontamente, muito menos interpretar e criticar.

Essas informações excessivamente técnicas e confusas são, de fato, opacidade travestida de transparência ou **pseudotransparência**.

Nesse sentido, o investidor e filantropo americano Warren Buffett já advertia em 2003:

*“Se você não conseguir entender as declarações financeiras de uma empresa em dois minutos, é porque a administração não quer que você as entenda, e provavelmente está escondendo algo”* (Warren Buffett Archive, 2003).



## INSIGHT CONSCIENTE

### Transparência em relatórios

A Grant Thornton Brasil, companhia global de auditoria, consultoria e tributos, recentemente publicou uma pesquisa reveladora do atual cenário das empresas de capital aberto no Brasil quanto à adoção das práticas de reporte relacionadas ao tema ESG (Grant Thornton Brasil, 2022).

Nas 328 empresas pesquisadas de diversos segmentos de atuação (transporte, energia, comércio, finanças, tecnologia, saneamento etc.), embora 48% divulguem o relatório anual de sustentabilidade ou integrado, **apenas 8% dos relatórios são auditados ou revisados por uma entidade independente**. No tocante à adesão aos **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**

**(ODS), apenas 35% das empresas contribuem com dois ou mais objetivos**. Nas questões ambientais, somente 30% das empresas avaliadas divulgam seus inventários de emissão de gases de efeito estufa.

No âmbito social, 63% das empresas possuem práticas de Promoção da Diversidade, Equidade e Inclusão, porém os dados ainda são tímidos: 38% divulgam a quantidade de colaboradores por gênero; 11% divulgam a quantidade de colaboradores por cor/ raça/ etnia; 26% divulgam número de terceirizados ou funcionários temporários; e 35% divulgam o índice de rotatividade / turnover de empregados.

# O CAPITALISMO NEOGANDHIANO

## O novo prosumidor

*“Só engrandecemos o nosso direito à vida cumprindo o nosso dever de cidadãos do mundo.”*

Mahatma Gandhi

Há 80 anos, quando questionado sobre sua visão da economia, o indiano Mahatma Gandhi teve um insight sobre a verticalização dos negócios, que centraliza o poder econômico e monopoliza mercados, numa dinâmica que *“descobriremos ser desastrosa... Porque embora seja verdade que produziremos coisas em inúmeras áreas, o poder virá de um centro selecionado... Irá conferir um poder tão ilimitado à ação humana que temo só de pensar nisso. A consequência, então, de tanto controle de poder será depender deste poder para ter luz, água, até mesmo ar, e assim por diante. Isso, eu acredito, seria terrível”* (Tinytech India, 2022).

Gandhi foi um observador desolado dos rumos da Primeira e da Segunda Revolução Industrial. Ele viu seu povo do subcontinente indiano definir na base da pirâmide industrial global, por isso logo compreendeu **a importância de uma visão da economia como**

**empreitada moral e humana em vez de uma mera escalada materialista.** Para Gandhi, o único remédio contra a ganância e a exploração era um compromisso altruísta com a comunidade, substituindo as velhas pirâmides por “círculos oceânicos” formados por pessoas incluídas em sociedades maiores, que se propagam em ondas para abranger toda a humanidade: *“Isso não exclui a dependência e o desejo de obter ajuda dos vizinhos e do mundo. Será um jogo livre e voluntário de forças mútuas... Nesta estrutura composta por inúmeras aldeias, existirão círculos sempre ampliados, nunca ascendentes. A vida não será uma pirâmide com o ápice sustentado pela base. Será um círculo oceânico cujo centro é o indivíduo... portanto, a circunferência mais externa não terá poder para pressionar o círculo mais interno, mas sim proporcionar força para os que estão no interior e gerar sua própria força a partir dele.”*

Gandhi foi também um visionário na questão da responsabilidade com o planeta, quase meio século antes de o conceito de sustentabilidade ganhar visibilidade, declarando que a *“Terra provê o bastante para satisfazer as necessidades de cada homem, mas não o suficiente para a ganância de cada homem”*.

O anseio de Gandhi por uma nova economia apresenta muitas semelhanças com os ideais do Movimento do Capitalismo Consciente: uma narrativa poderosa de transformação não apenas para a Índia ou para o Brasil, mas para todo o mundo em prol de um futuro mais sustentável e justo.

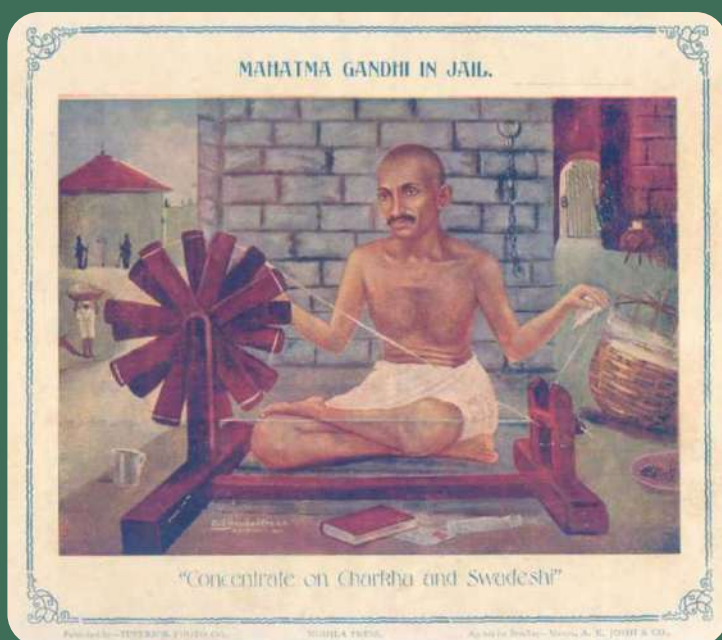


## INSIGHT CONSCIENTE

### *Swadeshi*

**Swadeshi** era a proposta de Gandhi para a produção local pelas pessoas em suas próprias casas e vizinhanças – algo bem semelhante ao *home office* empreendedor atual -, em uma filosofia de *“levar trabalho para as pessoas e não as pessoas*

*para o trabalho”*. Gandhi defendia veementemente a reunificação de produção e consumo, ou seja, para um mercado mais justo e solidário, todos devem ser simultaneamente produtores e consumidores – o que chamamos hoje de prosumidores.



Pôster famoso da década de 1930 retratando Gandhi girando um *charkha*, com a legenda *“Concentre-se em Charkha e Swadeshi”*. (Fonte: [Stringfixer, 2022](#)).

# PARA SABER+



**Conduta ética e sustentabilidade empresarial.** Marcia Cristina Gonçalves de Souza. Editora Alta Books, 2018.



**Feitas para durar: Práticas bem-sucedidas de empresas visionárias.** Jim Collins & Jerry I. Porras. Editora Alta Books, 2020.

## TED Talks: 3 stories of local eco-entrepreneurship, com Majora Carter



O futuro do verde é local. Majora Carter conta três histórias inspiradoras de pessoas que estão salvando suas próprias comunidades enquanto salvam o planeta.

## Referências

- MORE, Thomas. Utopia. Alma Books, 2017.
- GRANT THORNTON BRASIL, 2022. [Divulgações ESG](#): O que as empresas de capital aberto estão reportando?
- TINYTECH INDIA, 2022. [Mahatma Gandhi Views](#).
- HARDIN, GARRETT. The Tragedy of the Commons. Science New Series, Vol. 162, No. 3859 (Dec. 13, 1968), pp. 1243-1248 (6 pages). Published By: American Association for the Advancement of Science.
- ROSE, Carol. [The Comedy of the Commons](#): Custom, Commerce, and Inherently Public Property. The University of Chicago Law Review, 1986.
- MACPHERSON, C. B. The Political Theory of Possessive Individualism: Hobbes to Locke. Hassell Street Press, 2021.
- OSTROM, Elinor. Governing the Commons. The Evolution of Institutions for Collective Action. Cambridge, 2015.
- TAPSCOTT, Don & TICOLL, David. A Empresa Transparente. M. Books, 2005.
- ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Editora Principis, 2021.
- [VATICAN](#), 1963.
- [CVM](#), 1976.
- [PSYCHOLOGY TODAY](#), 2012.
- [WARREN BUFFETT ARCHIVE](#), 2003.

Torne-se  
**Embaixador(a) II**  
e tenha acesso à  
**CERTIFICAÇÃO BÁSICA**

SAIBA MAIS



## APP CONSCIENTE

Associados do Capitalismo Consciente têm acesso ao App Consciente! Faça o download e tenha nossos **conteúdos** e **curiosos** na palma de sua mão!

SAIBA MAIS



**AGORA FICOU MAIS FÁCIL ACOMPANHAR  
TUDO O QUE ACONTECE NO ICCB!**

Clique no botão e **SALVE** nosso  
número na agenda do seu celular

**SALVAR**



**CAPITALISMO  
CONSCIENTE®**  
BRASIL



Agosto de 2022